



GRIADORES DE
HOW I MET YOUR MOTHER

**JENNI HENDRIKS
& TED CAPLAN**



DES- GRÁVIDA

UNPREGNANT

QUANDO A VIDA INTEIRA
CABE EM UM ÚNICO DIA



**JENNI HENDRIKS
& TED CAPLAN**

**DES-
GRÁVIDA
UNPREGNANT**

TRADUÇÃO: CARLOS SZLAK

 **FARO
EDITORIAL**

COPYRIGHT © UNPREGNANT, 2019 BY JENNIFER HENDRIKS AND TED CAPLAN
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial **CARLA SACRATO**
Preparação **CÉLIA REGINA**
Revisão **BÁRBARA PARENTE**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa **BIELOUS NATALIIA | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Caplan, Ted
Desgrávida / Ted Caplan e Jenni Hendricks ; tradução
de Carlos Szlak. – São Paulo : Faro Editorial, 2020.
256 p.

ISBN 978-65-86041-05-7
Título original: Unpregnant

1. Ficção norte-americana I. Título II. Hendricks, Jenni
III. Szlak, Carlos

20-1049 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2020
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-073
www.faroeditorial.com.br



0 Km

Na terceira cabine do banheiro feminino, sentada no assento gelado do vaso sanitário, apertei desesperadamente minhas coxas e me concentrei em não fazer xixi.

— Ronnie, você acabou? Desse jeito, vamos ter que pedir autorização para assistir à primeira aula — Emily disse. Não, eu não tinha terminado. E uma autorização para entrar na aula depois do sinal era a menor das minhas preocupações.

— Ah, vá na frente. Tô com aquele problema, sabe? — disse, mas não era o do tipo mensal.

Rezei para Emily ir embora o mais rápido possível. Com certeza, aquele segundo copo de suco de laranja com goiaba de manhã fora um erro. Finalmente, Emily abriu a porta para sair. A acústica do banheiro ecoou os passos de todo mundo correndo para as salas de aula. Em seguida, silêncio. Permaneci paralisada, esforçando-me para ouvir o menor som de uma aluna, ou, pior, de uma professora se aproximando. Mas ouvia apenas os pingos ocasionais de uma torneira mal fechada. Todo mundo estava nas salas de aula. Suspirei de alívio. E quase fiz xixi.

Era hora de descobrir se o meu pesadelo tinha acabado ou se estava apenas começando. Lentamente, abri o zíper do bolso da frente da mochila e me encolhi de medo quando o som ecoou nas paredes de azulejos. Ainda que estivesse sozinha, não conseguia me livrar da sensação de que alguém saberia o que eu estava prestes a fazer. Enfiei a mão no fundo na mochila, senti as canetas e os lápis espalhados e encontrei o que tinha escondido.

Relaxe e examinei o objeto na minha mão. Pareceu mais pesado do que eu me lembrava.

Havia lido as instruções na noite anterior. Depois, novamente, quando acordei. E mais uma vez depois do café da manhã. Eu era uma aluna extremamente aplicada. Mas, agora que o momento tinha chegado, senti um nó na garganta por causa do pânico. E se eu perdesse o bastão? E se eu fizesse errado? Só tinha um desses bastões e não podia falhar. Respirei fundo. Tinha notas incríveis e iria para a Universidade Brown no outono. Conseguiria muito bem fazer xixi num bastão.

Rasguei a embalagem de papel-alumínio e tirei o teste de gravidez. Observei a janelinha plástica, em branco, que esperava para revelar o meu destino. Tentando não pensar no que estava prestes a fazer, coloquei a coisa entre as minhas pernas e fiz xixi.

Por um momento, perdi-me na felicidade de esvaziar rapidamente a bexiga. Mas, logo em seguida, entrei em pânico. Tinha esquecido um passo. As instruções diziam para fazer um pouco de xixi primeiro e depois colocar o teste ali embaixo. Isso não invalidaria o resultado? Olhei para baixo para ver se o teste estava funcionando. A tira fibrosa estava ensopada e a janelinha plástica estava ficando cinza-claro. Deveria acontecer isso? Ou significava que eu havia infringido uma regra? Deveria parar de fazer xixi?

Então, na janelinha, uma fina linha rosa começou a aparecer. Fiquei nervosa, até que me lembrei de que as instruções chamavam aquilo de linha de controle. Precisava aparecer duas linhas para indicar gravidez. Esperava que a linha significasse que o teste estava funcionando direito. Principalmente devido ao fato de eu já ter acabado de fazer xixi. Tendo o cuidado de manter o teste tanto quanto possível na horizontal – de acordo com as instruções –, puxei-o de entre as pernas. Três minutos. Eu poderia ler o resultado em três minutos. Seriam os três minutos mais longos da minha vida.

Olhei para qualquer lugar, menos para a janelinha. Eu não era do tipo que arrumava a maquiagem obsessivamente ou fumava substâncias ilícitas, então o banheiro feminino não era exatamente o lugar onde tivesse passado muito tempo nos últimos quatro anos. Observar durante 45 segundos as paredes da cabine me revelou que eu não tinha perdido quase nada. A única coisa a me distrair foi uma caricatura moderadamente divertida de nosso diretor e diversos alertas terríveis sobre os genitais doentes dos garotos do time de futebol

americano. Nenhuma surpresa nesse caso. Atrevi-me a dar uma olhada no teste. Por enquanto, nada mais do que uma linha.

A esperança tomou conta de mim. Talvez a menstruação estivesse apenas atrasada. Talvez eu estivesse em pânico por nada. Como quando achei que fracassaria no exame de inglês avançado. Embora não tivesse elucidado completamente as semelhanças temáticas entre *Grandes esperanças*, de Dickens, e *Vanity Fair*, de Thackeray, ainda assim tirei cinco, a nota máxima.

Fiquei muito estressada com o processo de admissão ao curso superior, o baile de formatura e os exames finais. Sem mencionar o fato de estar participando da disputa para ser a oradora da turma na formatura. Provavelmente, a menstruação estava apenas atrasada. Dei uma piscada. O que era aquela segunda linha bem fraca aparecendo? Inclinando-me em direção à porta da cabine, tentei captar um pouco mais de luz vinda da janela. Se eu pudesse simplesmente...

A porta do banheiro se abriu.

Assustada, dei um pulo. Em câmera lenta, vi o teste de gravidez escapar das minhas mãos, passando pelas pontas dos dedos. Arremessando-me para a frente, fiz uma tentativa desesperada de agarrá-lo, mas em vão. Depois de dar uma cambalhota no ar, o teste caiu no chão sobre um ladrilho com um barulho impossível de não ser ouvido, deslizou por baixo da porta da cabine e girou até parar bem no meio do chão do banheiro.

Tudo bem, não era hora de entrar em pânico. Precisava manter a calma. Talvez o teste não fosse visto. Talvez a garota que entrou no banheiro fosse cega e surda. Talvez houvesse um grande terremoto, a escola desabasse e todos nós morrêssemos. Missouri devia ter uma falha geológica em algum lugar.

A garota estava andando de forma ruidosa. Por debaixo da porta da cabine, vi um par de coturnos pretos gastos se aproximar de onde estava o teste, perfeitamente realçado por um raio de sol. Quem quer que fosse estendeu a mão, que tinha as unhas roídas pintadas de esmalte verde lascado.

— Uau.

Quem era? Quem naquele momento segurava meu futuro molhado de xixi na mão? Espiei pela fresta da porta da cabine: camiseta preta grande demais, jeans skinny rasgado e justíssimo, cabelo azul com raízes pretas que parecia não ver uma escova havia dias.

Não. Os deuses da escola do ensino médio não podiam ser tão cruéis. Bailey Butler. O buraco negro de raiva e trevas da Jefferson High School. Se você

dissesse *olá* nos corredores, Bailey mostraria o dedo do meio. Sem falar no que ela faria se você tentasse se sentar com ela no almoço. Bailey tinha uma mesa inteira para si mesma no refeitório porque ela literalmente latia para as pessoas que tentavam se sentar com ela.

De acordo com os rumores, quando o quarterback do time de futebol americano disse algo para encher o saco de Bailey, ela comprou um canivete e gravou o nome do cara nele. Era mal-humorada, cínica e bastante desagradável. Também tinha sido a minha melhor amiga.

Bailey ergueu o teste do chão, levou-o ao nariz e cheirou.

— Ainda está fresco — ela disse, e correu os olhos pelo banheiro, detendo-se quando viu meu Adidas Superstar branco. — Ah, isso vai ser divertido.

Será que ela ainda reconheceria minha voz? Fazia quase quatro anos desde que nos falamos pela última vez. Só por precaução, falei baixinho e em tom cavernoso:

— Ah, você pode passar isso por baixo da porta? Seria ótimo.

Estendi minha mão pela fresta e torci para que Bailey estivesse se sentindo misericordiosa.

Desdenhosa, Bailey bufou.

— Boa tentativa. Mas tenho certeza de que Batman não consegue engravidar — disse.

Através da fresta da porta, eu a vi começar a andar de um lado para o outro, com as mãos atrás das costas e os cantos da boca se curvando para cima. Ótimo. Eu conhecia aquele sorriso. Era o que imaginei que os padres católicos exibiam quando colocavam em prática a Inquisição espanhola.

— Chloe McCourt? — Bailey arriscou.

Permaneci sentada no vaso sanitário em silêncio absoluto. De maneira nenhuma eu iria cooperar. Apenas a esperaria sair do banheiro.

Pensativa, Bailey semicerrou os olhos.

— Não. Calvin terminou o caso com ela. Sem chance de Chloe ter conseguido outro cara depois que queimou o uniforme de futebol americano dele na quadra; não dou a mínima para o tamanho dos peitos dela. Hum. Isso é complicado. Ella Tran? Ela é tão burra que confunde bala com pílula anticoncepcional.

— Devolva para mim — disse, tentando fazer a minha voz baixa soar contundente, mas soou apenas desesperada.

Bailey olhou para os meus tênis.

— Bem, há sempre a seguidora de longa data do Pênis do Mês, Olivia Blume...

— Não! — exclamei, ofendida.

— Ah. Muito crítica. Uma pista. Quem são as garotas que se acham melhores que todas as outras? — Bailey perguntou, coçando o queixo. — Faith Bidwell?

Bailey não iria desistir. Eu tinha que acabar com aquilo antes que outra garota entrasse.

— Droga! Não conte para ninguém. Você pode me devolver agora? — disse, esperando com a mão estendida. Não tinha certeza se o meu desempenho B+ a convencera, mas Bailey se aproximou da cabine. Talvez ela estivesse ficando entediada com o jogo. Senti um fio de esperança. Mas, então, em vez de se abaixar para me entregar o teste, ela se ergueu de um salto e agarrou a parte de cima da porta da cabine.

— Puta que o pariu! — gritei.

Bailey estava pendurada na parte de cima da porta e sorrindo para mim.

— Bailey! Desça daí! — disse, acenando freneticamente para ela.

— Estou sonhando? A vida não pode ser tão perfeita — Bailey disse.

Vermelha de vergonha, tateei desajeitadamente minhas roupas, tentando puxar minha calcinha e meu jeans sem me expor aos olhos sorridentes de Bailey.

— Você dá licença? — disse, olhando para ela.

Surpreendentemente, Bailey deslizou para baixo sem protestar. Já vestida, abriu a porta da cabine com força. Ela estava me esperando.

— Veronica Clarke, em carne e osso — ela falou lentamente. — Espere aí. Quero me lembrar desse momento para sempre — disse, tirando o celular do bolso de trás e apontando-o para mim.

— Não se atreva... — disse.

Bailey tirou a foto e depois sorriu enquanto examinava o resultado.

— Exatamente como eu sempre vou me lembrar de você — disse, e virou o celular para me mostrar a foto. Nela, eu estava meio que investindo na direção da câmera, com a boca aberta em um rosnado.

— Não poste isso! — gritei antes que conseguisse me deter. Uma humilhação total via mídia social era a última coisa de que eu precisava naquele momento.

Bailey sorriu carinhosamente para a foto antes de recolocar o celular no bolso.

— Relaxe. Essa foto é muito especial para compartilhar.

— Você já terminou? Você conseguiu o que queria. Você me constrangeu. Você tirou sarro de mim. Você deixou meu dia pior do que já estava. Agora você pode me devolver o teste?

Bailey olhou para minha mão estendida e ergueu uma sobrancelha.

— Vejo que você ainda está usando seu anel de castidade. Só para manter as aparências? Ou é alguma coisa do tipo nascimento virginal? — ela perguntou.

Recolhi minha mão, com meu rosto em chamas. Bailey não perdia nenhum detalhezinho que pudesse ser usado para me torturar.

— Uau. Você realmente é o clichê completo — ela prosseguiu.

— Não sou um clichê! — gaguejei.

— É muito clichê ser a rainha do baile de formatura e a oradora da turma e ainda ter uma gravidez cristã.

— Em primeiro lugar, estou a fim de ser a oradora da turma, mas Hannah Ballard tem muito mais atividades extracurriculares do que eu. Se bem que eu já fiz mais cursos avançados e acho que o meu trabalho de caridade deveria contar...

— Ah, meu Deus, você é tão *nerd*...

— E eu sou da *corte* do baile de formatura, e não a rainha. Ou seja, não sou um clichê completo — concluí.

— Você tem razão. Retiro o que eu disse. Minhas mais sinceras desculpas. Você é um clichê quase completo.

— Sei que é quase impossível para você, mas pode parar de ser um pé no saco por um minuto?

Bailey olhou para mim ligeiramente confusa.

— Não. Por que eu faria isso?

Senti um estalo. Depois de uma semana e meia de preocupação, de roubar um teste de gravidez de minha irmã mais velha e de ficar sem fazer xixi a manhã toda, ainda tinha que lidar com Bailey sendo Bailey naquele momento? Aquela expressão a respeito de ficar cega de raiva não é verdade. Na realidade, você enxerga muito bem. Foi como um *flash* que disparou. Quando me dei conta, estava me arremessando na direção da mão de Bailey que segurava o

meu teste. Ela o tirou do meu caminho bem a tempo, recuando alguns passos, enquanto eu cambaleava para a frente.

— Droga, garota. Relaxe. Você só vai ter isso de volta se me prometer algo.

— Nunca vai acontecer — falei com rispidez, recuperando o equilíbrio e me lançando contra Bailey uma segunda vez. Ela retrocedeu até a pia, rindo das minhas tentativas inúteis de arrancar o teste de sua mão. Finalmente consegui agarrar seu braço. Estava usando toda a minha força para fazê-la soltar o teste e, então, senti algo frio e pontudo no meu pescoço.

— Eu disse para você relaxar.

Fiquei paralisada. Em seguida, de forma cautelosa, dirigi meus olhos ao espelho do banheiro para ver nosso reflexo. Bailey estava segurando uma caixa de plástico preta junto ao meu pescoço. Levei um momento para registrar o que era aquela caixa, já que até aquele momento só a tinha visto em programas de TV envolvendo policiais. Era uma arma de choque elétrico. Ela tinha um maldito Taser.

— Ah, meu Deus. Como você entrou com isso na escola? Você poderia ser expulsa! E a menos de um mês da formatura!

— Claro que esse seria seu primeiro pensamento quando alguém aponta um Taser contra você — Bailey disse, bufando.

Soltei seu pulso, e Bailey abaixou a coisa e se afastou alguns passos de mim.

— Agora, onde estávamos mesmo? Ah, sim, a promessa. Devolvo-lhe o teste se você me garantir algo muito importante: que seu parceiro reprodutor não foi Kevin Decuziac.

Contive um gemido. Bailey sabia que Kevin era meu namorado. Toda a escola sabia. Ele era a estrela do time de futebol. Tocava na banda da igreja. Todos gostavam dele, até os meus pais. Com certeza, suas notas não eram excelentes, mas seu senso de humor idiota mais do que compensava aquilo. E, mais importante, ele era totalmente afeiçoado a mim. Apenas Bailey podia ter um problema com Kevin.

Ao ver minha expressão, Bailey torceu o nariz em falsa aversão.

— Credo!

— Não sei por que você está tão surpresa — resmunguei, na defensiva.

— Não sei, acho que continuo esperando que você use seu cérebro e termine o namoro. Ou que ele morra de ebola ou algo assim. Eca! Eca! Eca! — Bailey disse, fazendo um som de engasgo, como se ela fosse uma gata com uma bola

de pelo. — Não posso acreditar que você deixou esse bundão pegajoso entrar em você! — prosseguiu. Então, ela se curvou, fingindo engasgar um pouco mais.

Percebi que, no entusiasmo para representar o seu nojo, Bailey colocou a arma de choque na borda da pia.

Andei até ali e peguei a arma enquanto Bailey fingia vomitar em todo o chão. Ela simulou mais algumas ânsias de vômito até notar a pequena caixa preta apontada para ela. Naquele momento, arregalou os olhos e sorriu.

— O.k., você me impressionou.

— Me passe o teste — disse, tentando fazer minha voz soar ameaçadora, como meu pai fazia quando ficava bravo com meu irmão por brincar com uma de suas bolas de beisebol autografadas.

— Faça isso.

— Faça isso ou quê? — exclamei, baixando o Taser, confusa.

Bailey se aproximou de mim, totalmente despreocupada com a arma não letal, mas que provavelmente provocava bastante dor, apontada para ela.

— Nunca usei isso. Quero saber como é.

De repente, perdi toda a raiva. Bailey ainda era a mesma. Ainda era o tipo de garota que faria algo estúpido, como querer saber quantos volts de eletricidade passariam por ela, só para poder dizer que experimentou aquilo. E aquilo ainda me irritava muito.

Bailey pareceu pensativa.

— Quero saber se vou espumar pela boca.

— Não vou dar um choque em você.

— Imaginei — Bailey suspirou, desapontada.

Ficamos nos entreolhando, sem saber o que aconteceria a seguir.

— Vamos lá, Bailey. Somos amigas — disse, e foi a coisa errada a dizer.

— Somos? — Bailey perguntou, com um sorriso de escárnio.

— Quer dizer... Bem...

— É a sétima série de novo? — Bailey perguntou e arregalou os olhos, fingindo surpresa. Ela olhou para os próprios seios. — Hum. Eu tenho peitos enormes. Então, provavelmente não estamos na sétima série — ela disse e olhou feio para mim. — O que significa que não somos amigas.

Bailey nunca iria me devolver o teste. Então, fiz a única coisa que consegui pensar. Peguei o Taser, joguei dentro da pia e pus a mão na torneira. Uma gota de água caiu sobre o plástico preto.

— Me dê o teste ou o Taser vai tomar um banho — disse. Um alerta real se apossou da expressão de Bailey. Abri a torneira um pouquinho. Outra gota de água caiu sobre o Taser. — Essa coisa não é à prova d'água, com certeza.

Bailey deu um passo involuntário em minha direção.

— Não. Minha mãe vai me matar. É sua arma favorita depois da Glock rosa. Hoje em dia, ela está muito ligada em autodefesa.

Sorri e estendi a mão, esperando. Com um suspiro, Bailey colocou a contragosto o teste na palma da minha mão. Meus joelhos quase se dobraram com o alívio que senti. Sem um segundo olhar para Bailey, corri para a cabine mais próxima e tranquei a porta.

— Ah, qual é agora? — ela perguntou. — Achei que éramos grandes amigas. Você não quer compartilhar esse momento?

Não, eu não queria compartilhar o momento. Não queria estar passando por aquele momento de nenhuma maneira. E, uma vez ali, não conseguia encarar aquele teste estúpido.

Bailey começou a cantar uma antiga música de Hannah Montana: *"You're a true friend, you're here till the end..."*.

Tentando bloqueá-la, respirei fundo e abaixei os olhos. Duas pequenas linhas cor-de-rosa, lado a lado.

Positivo. O resultado deu positivo.

Senti um calafrio percorrer o corpo. Minha visão ficou embaçada. A música de Bailey se tornou um zumbido abafado. Vi duas grandes lágrimas caírem sobre o bastão de plástico em minha mão.

Bailey parou de cantar. Ouvi uma pancada surda e ergui os olhos. Então, vi Bailey pendurada na porta da cabine novamente. Não me senti envergonhada pelas lágrimas e pelo muco que rolavam pelo meu rosto. Não importava. Tudo o que importava eram aquelas duas linhas.

— Droga — Bailey disse.

Não houve júbilo em sua exclamação. Ela até conseguiu parecer um pouco triste por mim. Por algum motivo, aquilo me fez chorar ainda mais.

Alguns minutos depois, quando saí da cabine com o rosto manchado, mas sem lágrimas, fiquei surpresa ao ver Bailey ainda à minha espera, sentada sobre a borda da pia, com os coturnos balançando.

— Sinto muito, isso é uma merda.

Quería olhar para ela, mas não conseguia.

— Você não conta para ninguém? É possível? Por favor? — disse, mal conseguindo sussurrar as palavras.

Até para mim, soaram patéticas e nada convincentes. Quem não passaria adiante uma fofoca como aquela? Eu conhecia minha reputação. Notas excelentes. Jogadora de vôlei do time principal da escola. Capitã da equipe de debate. Pele boa, cabelo impecável, nariz engraçadinho. A mais querida e a que tinha a maior probabilidade de sucesso. O que significava que, por mais que todos fingissem me amar, a maioria não via a hora de eu me ferrar. Podia imaginar a expressão presunçosa de Hannah Ballard quando ficasse sabendo que ela seria a oradora da turma. Eu tinha certeza de que a gravidez era uma desqualificação automática. O que era muito injusto. Não era isso que afetaria minhas notas e...

— Meu Deus. O que quer que você esteja pensando agora, simplesmente pare. Você parece que está prestes a fazer cocô. Não vou contar para ninguém — Bailey afirmou, tirando-me da minha escalada de pânico.

— Por que não? — indaguei, deixando escapar a pergunta antes de conseguir me controlar.

— Porque todos nessa escola são uns babacas — Bailey respondeu, dando de ombros.

* * *

O celular apitou em minha mochila. Repetidas vezes. Estava sentindo o estômago revirar. Não conseguia relaxar. Era como se houvesse um letreiro gigante de neon em minha testa piscando a palavra GRÁVIDA. Toda vez que via o meu reflexo enquanto atravessava os corredores, imaginava como eu estaria dentro de alguns meses, com o estômago sobressaindo em relação aos dedos dos pés e o contorno do umbigo saliente na camiseta. Não tinha certeza se o enjoo que estava sentindo era um sintoma inicial ou nervosismo. Mas aquela não era a pior parte. A pior parte era o motivo pelo qual meu celular estava vibrando em minha mochila a cada três minutos e meio. A pior parte era Kevin.

Não estava pronta para contar para ele. Consegui evitá-lo durante todo o dia. Por sorte, não tivemos nenhuma aula juntos. E, durante o almoço, me refugiei na biblioteca, um lugar em que ele nunca tinha posto os pés. Mas aquilo não fez interromper as mensagens de texto. Peguei o celular.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do
vírus HIV e de hepatite que não se trata.
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2020